

---

European Association for the History of Psychiatry — Conferência trienal — Londres, 17-20 de Agosto de 1993

Realizou-se em Londres o segundo encontro desta sociedade científica, criada em 1990, com a finalidade de promover a pesquisa em história da psiquiatria no sentido mais lato e permitir a troca de ideias e a discussão interdisciplinar. A presença de professores de literatura e de teologia, de sociólogos, historiadores e psiquiatras, investigadores de História da Ciência, mostra a ultrapassagem da antiga questão sobre quem deveria trabalhar nesta área de estudo. Trata-se sim de uma nova disciplina, tal o surto de trabalhos que desde há cerca de duas décadas é crescente, sendo a bibliografia hoje de uma vastidão inacreditável. Já nem parece possível senão o estudo de temas parcelares, o trabalho minucioso e decifrador de assuntos precisos e localizados; as grandes sínteses já ficaram para trás...

Para dar uma ideia do alcance da "nova disciplina" refira-se que se realizaram sessões simultâneas, organizadas em diversos grupos temáticos: Síndromes, Neurologia, Psiquiatria e Comunidade, Psiquiatria do Iluminismo, Psicanálise, Literatura e Psiquiatria, Psiquiatria Clínica, Imagens e Representações, Geografias da Loucura, Psiquiatria Medieval e Moderna, Psiquiatria e Império, Instituições, Psiquiatras Distintos, Psiquiatria e Ásia, Tradições Nacionais, Psiquiatria Antiga e não-Occidental, Psiquiatria Europeia, Doentes, Psiquiatria e Sociedade; Sexo, Género e Psiquiatria; e duas sessões plenárias, uma sobre Historiografia e outra sobre Epistemologia da Psiquiatria.

O Encontro já não pôde ser presidido por Henri Ellenberger, um dos grandes historiadores da disciplina, falecido poucos meses antes. Mas estiveram presentes autores

de formações tão diversas como German Berrios, Roy Porter, Andrew Scull, Gerald Grob, Otto Marx, Jan Goldstein, W. Parry-Jones, Jacques Postel, entre outros, num claro predomínio anglo-saxónico, que também neste domínio já parece irreversível.

Na impossibilidade de referir aqui assuntos de pormenor, que dizer em termos gerais da disciplina Psiquiatria, desde logo atravessada por diversos modelos antagónicos? Que a sua história tem sido e continuará a ser interpretada por leituras várias reflectindo as diferentes formações psiquiátricas e psicoterapêuticas dos seus autores, e ainda a dos autores não-psiquiatras (evolucionista, psicanalítica, sócio-cultural, etc). Mas em termos históricos, a historiografia da psiquiatria é já pós-foucauldiana, no sentido em que a "Histoire de La Folie à L'Âge Classique" pura e simplesmente inaugurou uma época, tal a importância da visão nova que instaurou, mas por outro lado é hoje lida criticamente, e apontados os seus erros e insuficiências. De qualquer modo, e depois do imenso trabalho das últimas décadas, pode dizer-se que já não pode ser mantida a ideia de que o humanismo foi a luz que guiou esta especialidade até aos nossos dias, numa série contínua de vitórias sobre o erro, a ignorância e a desumanidade. Mas também a história da psiquiatria não pode ser compreendida em termos puramente intelectuais, desconhecendo-se os problemas práticos com que teve de se enfrentar. Se a nossa visão do que a psiquiatria é e do que deverá ser mudou e continua a mudar, torna-se evidente que a sua história tem que ser encarada de modo diferente da que é ainda tradicionalmente apresentada. Talvez esta história tenha necessidade de ser reescrita periodicamente, decorrendo da interrogação constante sobre o que é a loucura, da relação entre doença mental e sociedade, e até sobre o que é a história, de acordo com critérios de uma historiografia actualizada.

Momento significativo foi a ovação da assembleia a Thomas Szasz, vigoroso e polémico como sempre, aplaudido como se aplaude um "clássico", mas também um pioneiro cuja coragem se saúda.

Paralelamente ao Encontro, decorreu uma visita guiada ao Museu Freud e aos Arquivos e Museu do Hospital Bethlem. ■

José Morgado Pereira